

TRABALHO EM MARX: ENTRE EXPLORAÇÃO E SOFRIMENTO

Bárbara Domingues Nunes

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3599-9411>

Universidade Católica de Pelotas (UCPELRS); e, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/CAPES PROEX) – Brasil.
nunesbarbara1@gmail.com

Maria Isabel Barros Bellini

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1680-5009>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil.
maria.bellini@pucrs.br

Recebido em: 31/06/2024

Aceito em: 19/07/2024

Resumo: O presente artigo é fruto das discussões realizadas na disciplina de Introdução a Teoria Marxiana e o Método em Marx, no Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUCRS. O trabalho inicia fazendo algumas considerações sobre o trabalho em Marx e suas características centrais no contexto da sociedade capitalista. Na sequência abordamos a individualização e concorrência enquanto manipulação do capital. E por conseguinte problematizamos os caminhos para o adoecimento no processo de trabalho sob a lógica da sociedade capitalista. As reflexões possuem como fundamento teórico o materialismo histórico-dialético e pretendem contribuir na atualização da discussão sobre o tema. Nas considerações finais é destacada a importância destas discussões para compreendermos o processo de exploração e sofrimento no contexto da sociedade capitalista, bem como os movimentos necessários para resistência e mobilização coletiva na transformação da realidade.

Palavras-chave: Trabalho; Capital; Adoecimento.

EL TRABAJO EN MARX: ENTRE LA EXPLORACIÓN Y EL SUFRIMIENTO

Abstract: This article is the result of discussions held in the Introduction to Marxian Theory and Method in Marx course, in the Postgraduate Program in Social Work at PUCRS. The work begins by making some considerations about work in Marx and its central characteristics in the context of capitalist society. Next, we address individualization and competition as a manipulation of capital. And therefore we problematize the paths to illness in the work process under the logic of capitalist society. The reflections have historical-dialectical materialism as their theoretical foundation and aim to contribute to updating the discussion on the topic. In the final considerations, the importance of these discussions is highlighted for understanding the process of exploitation and suffering in the context of capitalist society, as well as the movements necessary for resistance and collective mobilization in the transformation of reality.

Keywords: Work; Capital; Illness.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende refletir e discutir sobre as implicações do capital no processo de trabalho. A exploração e sofrimento a partir das obras de Marx, demais autores e assuntos relacionados com as implicações do capital neste processo. Utiliza-se como fundamento teórico o materialismo histórico-dialético, e como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica.

Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) demonstraram a redução de 195 milhões de empregos no segundo trimestre de 2020, cuja estimativa é ainda maior considerando a invisibilidade e/ou negacionismo em relação ao mundo do trabalho. Pois 1, 6 bilhão de pessoas já sobreviviam na informalidade e em condições extremamente precárias. Nos EUA no início da crise pandêmica já se estimava a média de desempregados em torno de 20% (Antunes, 2020).

Diante do exposto, é fundamental discutir sobre o trabalho à luz da teoria marxiana para compreender os processos de exploração e sofrimento que permeiam o desemprego e as relações sociais e laborais. Portanto, este trabalho está dividido em três tópicos de discussões como veremos a seguir.

No primeiro item são realizadas algumas considerações sobre o processo de trabalho em Marx, suas características centrais na sociedade capitalista e o enquadramento dos sujeitos nesta sociedade, onde aqueles que não são úteis, como força de trabalho para o mercado, acabam por serem estigmatizados enquanto “indesejáveis” sob a lógica neoliberal no sistema capitalista.

Na sequência realiza-se uma breve discussão em relação a individualização e concorrência, utilizadas como estratégias de manipulação do capital. E as insuficientes respostas do Estado aos problemas gerados por tais artimanhas, por não estarem no rol das prioridades dos governos, governanças e políticas públicas de atendimento à população subalternizada.

Por conseguinte, é problematizado o lado obscuro do capital e suas implicações para o adoecimento, com dados que contextualizam a discussão no cenário atual. Realidade que é permeada pela exploração, sofrimento e sua consequente mercantilização em benefício do capital e dos seus interesses privados.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO EM MARX E SUAS CARACTERÍSTICAS CENTRAIS

A relação do homem com a natureza é contraditória, pois ao mesmo tempo que ele a transforma, também é transformado nesse processo, pois o trabalho satisfaz as suas necessidades criando valores de uso. Portanto, o trabalho é a condição humana em qualquer sociedade. Através dele a sociedade se humaniza, mas ao mesmo tempo se desumaniza nas relações de produção, em razão dos processos de alienação. Marx afirma que:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, ou seja, um resultado que já existia idealmente (Marx, 2017, p. 255).

Além do esforço físico, o trabalho exige forças mentais para que seja executada a atividade orientada a um fim. Compõem o processo de trabalho os momentos simples operados via objetividade, ou seja, o trabalho propriamente dito, seguido do objeto e dos meios para auxiliar na sua execução. Em relação aos objetos destacamos aqueles que são preexistentes, os quais são extraídos da natureza mediante o trabalho como: peixe e madeira. Já aqueles objetos que são filtrados a partir de um trabalho são matéria-prima a exemplo do minério. Portanto, “[...] do mesmo modo como a terra é seu armazém original de meios de subsistência, ela é também seu arsenal originário de meios de trabalho” (Marx, 2027, p. 257).

Os meios de trabalho são uma coisa ou um conjunto de coisas entre o trabalhador e seus objetos, sendo necessários para a execução da atividade. Em contrapartida, na colheita de frutas o próprio corpo humano serve como meio de trabalho ao dispensar a força necessária para sua execução.

Mas o que é afinal o trabalho? Categoria central nas obras de Marx, e atividade utilizada pelo ser humano para sanar as necessidades do estômago e do espírito. Trabalho, portanto, é

[...] um processo entre homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...] condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo o

entre homem e natureza e, portanto, da vida humana (Marx, 2017, p.120 e 255).

“O olho tornou-se um olho humano, no momento em que o seu objeto se transformou em objeto humano, social, criado pelo homem para o homem” (Marx, 2001, p. 142). O trabalho torna-se humanizado na medida que satisfaz as necessidades do homem. Nesse processo, o estético não pode ser alheio ao marxismo humanista, já que constitui condição essencial da existência humana.

Porém, o autor destaca que a propriedade privada tornou os homens tão estúpidos que um objeto só é nosso se o possuímos como capital ou é utilizado por nós:

Embora a propriedade privada considere todas essas encarnações de posse imediatas apenas como meios de subsistência, a vida que servem é a da propriedade privada, trabalho e capital. Portanto, verificou-se uma simples alienação de todos esses sentidos; e o sentido de ter ocupar o lugar de todos os sentidos físicos e espirituais. A existência humana tinha de ser reduzida a esta pobreza absoluta, para dar origem à sua riqueza íntima... (Marx, 1986, p. 77).

Marx considera que o homem perde a sua humanidade e nega a si próprio. No capitalismo o homem acaba alienando a sua essência. Em vez de se humanizar ele se desumaniza, uma vez que, na sociedade capitalista, os homens não produzem para satisfazer diretamente suas necessidades individuais ou coletivas. Nesse interim, os sujeitos perdem sua dimensão humana e se reduzem a uma dimensão meramente econômica: produzir e consumir mercadorias.

O sistema capitalista possui caráter de coisificação, pois, coisifica o homem e sua existência. Sua máxima é a manipulação dos indivíduos através da fetichização, transformando o homem em objeto. O qual é considerado por Marx enquanto mercadoria no processo da compra e venda da força de trabalho:

[...] nosso capitalista põe-se, então, a consumir a mercadoria por ele comprada, a força de trabalho, isto é, faz com que o portador da força de trabalho, o trabalhador consuma os meios de produção mediante seu trabalho [...] o processo de trabalho não é mais do que o consumo da mercadoria por ele comprada, a força de trabalho, que, no entanto, ele só pode consumir desde que lhe acrescente os meios de produção (Marx, 2017, p. 262).

A força de trabalho é a mercadoria adquirida pelo capitalista, mas, desde que acrescente mais valor. Ademais, “[...] o capital não se valoriza sem a força de trabalho, uma vez que as máquinas não criam valor, mas o potencializam” (Antunes, 2020, p. 16). Portanto, o sistema capitalista depende da força de trabalho.

No que diz respeito as mercadorias, os capitalistas também as consomem, porém o fazem para explorar. Eles dividem o trabalho e expropriam a riqueza produzida para seus interesses privados.

[...] O antigo possuidor de dinheiro se apresenta agora como capitalista, e o possuidor de força de trabalho, como seu trabalhador. O primeiro, com um ar de importância, confiante e ávido por negócios; o segundo, tímido e hesitante, como alguém que trouxe sua própria pele ao mercado, e agora, não tem mais nada a esperar além da ...esfola (Marx, 2017, p. 251).

Marx destaca que [...] “todo homem morre 24 horas a cada dia” (Marx, 2017, p. 281). Neste sentido é possível compará-lo a uma máquina, cuja substituição é realizada como qualquer outra mercadoria em decorrência da sua utilidade e/ou inutilidade enquanto força de trabalho. Esta reflexão ratifica o enquadramento dos sujeitos na sociedade, em que todos aqueles que não são úteis como força de trabalho para o mercado acabam sendo estigmatizados e descartados como “indesejáveis” sob a lógica desta normatividade.

REPERCUSSÕES DO CAPITAL: INDIVIDUALIZAÇÃO E CONCORRÊNCIA

Vázquez denomina o homem que é manipulado como “homem-massa”, aquele tipo de sujeito ideal “[...] homens engendrado por suas próprias relações; isto é, o homem despersonalizado, desumanizado, oco por dentro, esvaziado de seu conteúdo, concreto e vivo, que pode se deixar modelar docilmente por qualquer manipulador de consciências [...]” (Vázquez, 1968, p. 276).

Esta manipulação é concretizada pela linguagem que assegura a inteligibilidade na comunicação, uma vez que “quanto mais extensas tanto mais superficial for seu conteúdo e quanto débeis forem seus meios de expressão” (Vázquez, 1968, p. 277). Em relação a este aspecto, a obra “Como Funciona o Fascismo” menciona que “[...] um princípio central da política fascista é que o objetivo da oratória não deve convencer o intelecto, mas influenciar à vontade” (Stanley, 2018, p. 64). Assim, o poder do fascismo é manipular os sujeitos e as suas necessidades neste processo de exploração na sociedade capitalista.

As próprias necessidades dos sujeitos são percebidas como falta, fazendo com que o desejo acabe sendo substituído pela necessidade no contexto da lucratividade,

consumo e produção de mercadorias. O “[...] poder¹ produz tanto o mercado e o consumidor quanto o crime e o desviante” (Casara, 2021, p. 135). E nesta esfera de produção, circulação e troca de mercadorias que se move a compra e venda da força de trabalho, os homens são concorrentes entre si:

[...] pois cada um olha somente para si mesmo. A única força que os une e os põe em relação mútua é a de sua utilidade própria, de sua vantagem pessoal, de seus interesses privados. E é justamente porque cada um se preocupa apenas consigo mesmo e nenhum se preocupa com o outro (Marx, 2017, p. 251).

Neste sentido “[...] cada um é um trabalhador que explora a si mesmo para sua própria empresa. Cada um é senhor e servo em uma única pessoa” (Casara, 2011, p. 130). Ademais, “[...] o progresso social (é) baseado no estímulo à responsabilidade individual”. É também graças a ela que se dá o patrimônio pessoal obtido graças ao trabalho” (Dardot; Laval, 2016, p. 122). Uma manipulação a favor da exploração, individualização, e exploração da classe trabalhadora no sistema capitalista no contexto neoliberal²:

[...] ajudar os indivíduos a ajudar a si mesmos, isto é, a “dar a volta por cima” numa competição geral que não é questionada em si mesma. Isso se traduz num discurso amparado na reintrodução das categorias típicas do esquema concorrencial do vínculo social: o capital humano, a igualdade de oportunidades, a responsabilidade individual etc., em detrimento de uma concepção alternativa do vínculo social que se basearia em uma maior solidariedade e em objetivos de igualdade real [...] O valor ético está na luta concorrencial (Dardot; Laval, 2016, p. 122 e 238).

A lógica de exploração concorrencial se baseia na meritocracia, que ao reforçar o individualismo desmobiliza e imobiliza os sujeitos no processo de trabalho. Neste sentido, o capital usa de subterfúgios para convencer de que o outro não é um aliado, mas, um concorrente. Cada sujeito, segundo esta lógica, pode alcançar a igualdade de oportunidades. Mas como poderão ter igualdade de oportunidades diante de uma sociedade tão desigual? que explora e descarta aqueles que não tem utilidade para o processo produtivo, no jogo de interesses do capital?

¹ “A biopolítica (bem como a necropolítica) aparece nesse contexto como um exercício de poder produtivo, ou seja, como a gestão da vida (e a produção estratégica da morte) através da orientação, do controle e da maximização dos mecanismos fisiológicos, psicológicos, demográficos e econômicos” (Casara, 2021, p. 134).

² “[...] filosofia econômica com a pretensão de restabelecer níveis de lucratividade que permitam criar condições orientadas a uma explosão global de desenvolvimento” (Blackburn, 1999, p. 144).

Em relação ao neoliberalismo o livro de David Harvey “O neoliberalismo História e Implicações” procura preencher a lacuna sobre a história político-econômica da origem da neoliberalização. Harvey define o neoliberalismo:

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas; o Estado tem de garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro (Harvey, 2014, p. 12).

O neoliberalismo se mostrou como uma transformação exponencial do capitalismo e das sociedades para a retomada da acumulação do capital, como um “[...] sistema de justificação e de legitimação do que quer que tenha sido necessário para fazer alcançar esse fim” (Harvey, 2014, p. 28). Esta afirmação expõe o caráter truculento e catastrófico do capital, sua ação e barbárie autorizada em nome da exploração e do lucro. Os quais unem e difundem interesses público-privados. Mas o que é o capital? e quais são suas características?

O capital não é uma coisa, mas um processo em que o dinheiro é perpetuamente enviado em busca de mais dinheiro. Os capitalistas – aqueles que põem esse processo em movimento – assumem identidades muito diferentes. Os capitalistas financeiros se preocupam em ganhar mais dinheiro emprestando a outras pessoas em troca de juros. Os capitalistas comerciantes compram barato e vendem caro. Os proprietários cobram aluguéis porque a terra e os imóveis que possuem são recursos escassos. Os rentistas ganham dinheiro com royalties e direitos de propriedade intelectual. Comerciantes de bens trocam títulos (por ações e participações, por exemplo), dívidas e contratos (incluindo seguros) por um lucro. Até mesmo o Estado pode atuar como um capitalista, por exemplo quando usa as receitas fiscais para investir em infraestruturas que estimulem o crescimento e gerem mais receitas em impostos (Harvey, 2011, p.41).

O capitalismo é um sistema constituído por profundas contradições. E uma das principais é a crescente riqueza dos capitalistas em detrimento da exponenciação da pobreza do proletariado. A qual é considerada a lei geral da acumulação capitalista, uma vez que “onde há igualdade, não há lucro” (Marx, 2017, p. 233). Isto evidencia o entendimento de que quanto mais estruturado e organizado o capitalismo

[...] maiores são as desigualdades de classe. E é desnecessário dizer que há evidências suficientes para apoiar a visão de que a retórica do livre mercado e do livre-comércio e seus **supostos benefícios universais**, à qual fomos submetidos nos últimos trinta anos, produziu exatamente o resultado esperado por Marx: uma concentração maciça de riqueza e de poder numa

ponta da escala social, **concomitante ao empobrecimento crescente de todos os demais** (Harvey, 2013, p. 59, grifos nossos).

Ao mesmo tempo o “[...] neoliberalismo com verniz democrático [...] é a resposta para os problemas gerados pelos “velhos” neoliberalismos” (Casara, 2021, p. 154). Sobre a desigualdade e a falsa ideia perpetuada pelo capitalismo, Marx destaca: “[...] Assim, com a acumulação do capital produzida por ela mesma, a população trabalhadora produz, em volume crescente, os meios que a tornam relativamente supranumerária” (Marx, 2017, p. 706). O autor destaca o exército industrial de reserva, no capítulo 23 do livro I do capital, em que as próprias condições do processo de trabalho produzem este exército com “verniz democrático”.

Portanto, o estado cria respostas aos problemas gerados por ele mesmo, respostas estas que são insuficientes, pois, não estão entre as prioridades dos governos, governanças e políticas públicas. As quais no processo de contrarreforma do Estado possuem reflexos devastadores no atendimento à população subalternizada.

A OUTRA FACE DO CAPITAL: CAMINHOS PARA O ADOECIMENTO

O capital com suas diferentes características e “supostos benefícios universais” e/ou “verniz democrático” continua sua exploração, subjugando e expropriando a riqueza socialmente produzida a favor dos seus próprios interesses. Deste modo, nada muda e a exploração assume novas roupagens neste contexto de concorrência e individualização em que as relações e os sujeitos são descartáveis. “[...] Tudo o que era sólido desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas” (Marx, 2008, p. 15-16). Esta afirmação encontra-se na maioria das ideias de Marx, pois, explicita a perspectiva do capital que destrói as relações sociais e cria necessidades comum a todos para gerar mais consumo e muito mais lucro.

Marx nos diz que “[...] as forças de trabalho retiradas do mercado por estarem gastas ou mortas tem de ser constantemente substituídas” (Marx, 2017, p. 246). A capacidade de trabalho só tem valor quando é vendida. Esta reflexão é adensada no capítulo V quando o autor problematiza sobre a inutilidade de uma máquina que não pode ser usado no processo de trabalho. O que caracteriza o processo de descartabilidade do homem, semelhante a máquina, com trabalho útil, mas, desde

que produtivo, pois “[...] o trabalho vivo tem de apoderar-se dessas coisas e despertá-las do mundo dos mortos” (Marx, 2017, p. 260). Marx ainda destaca o interesse ineliminável do capital:

O capital tem um único impulso vital, o impulso de valorizar-se, de criar mais-valia, de absorver com sua parte constante, os meios de produção, a maior massa possível de mais-trabalho. O capital é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou (Marx, 1983, p. 188-189).

O capital se valoriza criando mais riqueza baseada na exploração da força de trabalho “[...] cria uma forma peculiar de riqueza, o valor baseado no trabalho.” (Rosdolsky, 2001, p.46). E este trabalho se torna alienado diante do estranhamento do real, quando as riquezas socialmente produzidas não são socialmente compartilhadas. Marx destaca nos Manuscritos Econômico-Filosóficos, sobre a questão da alienação:

A exteriorização (Entäusserung) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa (äussern), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele (ausserihm), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (Macht) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (Marx, 2004, p 81).

A alienação faz com que o trabalho se torne somente um meio de subsistência, e quiçá nem isto. O trabalhador deve se submeter a exploração para garantir sua mínima sobrevivência. É algo estranho que ele executa, e por isto o desumaniza e oprime. Os objetos também não lhe pertencem e ele não se reconhece neles, os concebe como algo que lhe é superior em valor. Desta forma, o trabalhador torna-se servo e alienado daquilo que produz no processo de trabalho.

E quando este trabalho não oferece estabilidade, segurança nas relações, nos projetos, nas equipes e na rede de atendimento, acaba influenciando a vida privada e profissional. Descaracteriza a experiência profissional em decorrência das contradições impostas pelo sistema capitalista, via instabilidade dos vínculos empregatícios e relações estabelecidas (Dardot e Laval, 2016).

Contudo, entende-se que a rigidez no trabalho, e a impossibilidade de “manobra” implicam na ausência de ressignificação e insatisfação do trabalhador. Isto ocasiona sofrimento em decorrência da ausência de planejamento, interferindo na qualidade do

desenvolvimento do trabalho e alcance dos seus objetivos nos diversos espaços sócio-ocupacionais (Peyon; Dejours, 2018).

Na trilha desta discussão, o autor destaca os mecanismos de defesa utilizados na exploração contra o sofrimento. Tais mecanismos acentuam o processo de exploração, e alienação dos sujeitos nas ações profissionais diante do estranhamento do real. E o profissional querendo se distanciar da situação estressante, acaba estreitando ainda mais a possibilidade de manobra ao trabalhar:

[...] de forma mais eficaz e se disponibiliza mais rapidamente para atender uma nova ligação, que gera uma nova irritação, um novo esforço para resolver a situação, e assim sucessivamente. A organização do trabalho nesse caso se beneficia do sofrimento dos trabalhadores, pois o mecanismo de defesa encontrado para lidar com a raiva emergente envolve justamente a sua transformação em produtividade. Ao restringir às possibilidades de resposta das telefonistas, as quais trabalham sob vigilância constante, a organização do trabalho gera, durante a realização da tarefa, um sofrimento e uma raiva que, por meio de um processo de culpa e formação reativa, transforma-se em um atendimento eficaz (Peyon; Dejours, 2018, p.198).

Quanto mais acentuado o distanciamento entre as projeções do trabalhador, suas necessidades e realidade de trabalho, mais comprometida e exposta estará sua saúde. Porquanto, sua reação é a produtividade sob constante vigilância, não somente em relação ao empregador, mas, entre os trabalhadores que são concorrentes entre si. Esta desarmonia nas relações e condições de trabalho interfere na saúde do trabalhador em seus diferentes aspectos. Assim, o caráter psicossomático e o adoecimento não devem ser desconsiderados nas discussões sobre as condições de trabalho.

Em relação ao adoecimento destaca-se notícia veiculada em 2018 no Jornal da USP. A qual destaca o Brasil como o país com os maiores índices de ansiedade e estresse da América Latina. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), na última década, a depressão teve um acréscimo de “18,4%, isso corresponde a 322 milhões de indivíduos, ou 4,4% da população da Terra. No Brasil, 5,8% dos habitantes – a maior taxa do continente latino-americano – sofrem com o problema” (Gracioli, 2018, s/p). Para elucidar a lucratividade da indústria farmacêutica os dados do Conselho Federal de Farmácia, destacam notícia do dia 10 de setembro de 2020. A matéria compreende o período de janeiro a julho (2019 e 2020) e demonstra o aumento nas vendas dos medicamentos psiquiátricos durante a pandemia. Adoecimento que

fortalece cada vez mais a lucratividade do capital via indústria farmacêutica como veremos logo a seguir.

Quadro 01- Gastos com medicamentos entre 2019-2020.

MEDICAMENTOS	2019	2020	AUMENTO
ANTICONVULSIVANTES, INCLUINDO ANTI EPILEPTICOS	46.216.034	52.132.718	12,80%
ANTIDEPRESSIVOS E ESTABILIZADORES DE HUMOR	56.373.846	64.178.042	13,84%

Fonte: Conselho Federal de Farmácia (2020).

Pedro Delgado em entrevista concedida, no mês de julho de 2019, para o Observatório de Análise Política em Saúde, afirmou

[...] como psiquiatra, deparo-me todos os dias com relatos de sofrimento psíquico diretamente associados à crise econômica e ao desemprego. A crise econômica, com a vivência subjetiva de falta de esperança que dela decorre, agrava as condições dramáticas de uma sociedade desigual e violenta como a nossa. A cultura do ódio e intolerância, estimulada pelos meios de comunicação de massa, torna-se o ambiente humano no qual vivemos hoje, que propicia, como em graves momentos anteriores da história, a captura das instituições, das mentes e da política pelo fascismo (Delgado, 2019, p. 03).

A mercantilização da loucura e do sofrimento é consequência do sistema capitalista que fortalece a desigualdade para manter seu senhorio. Fator determinante para o processo de produção, reprodução e acumulação do capital. No capital pandêmico, isto se evidenciou ainda mais, pois, assim como descrito por Antunes:

Ele tem um claro caráter discriminatório em relação às classes sociais, pois sua dinâmica é muito mais brutal e intensa para a humanidade que depende do próprio trabalho para sobreviver. A classe burguesa, incluindo seus séquitos de altos gestores, tem seus fortes instrumentos de defesa (recursos hospitalares privilegiados, condições de habitação que lhes permite escolher as melhores condições de realizar suas quarentenas etc.), enquanto na classe-que-vive-do trabalho a luta é para ver quem consegue sobreviver (Antunes, 2020, p. 16).

As discussões demonstram o sofrimento oriundo desta desigualdade na sociedade capitalista, via crise econômica e desemprego. Estes aspectos atrelados ao receituário de opressão e exploração contribuem para o aumento significativo das

vendas de medicamentos psiquiátricos. O que demonstra a mercantilização de um sofrimento que nem sequer tem sua gênese neste campo do saber, mas, é uma das consequências da desigualdade social. A classe mais prejudicada é a trabalhadora, porquanto precisa lutar para garantir minimamente sua sobrevivência sobrevivendo em condições ultraprecárias.

CONCLUSÃO

Conforme as discussões realizadas, compreende-se que os meios de trabalho empregam o trabalhador e lhes ditam as regras sendo [...] “uma questão de necessidade aceitar o pão do padeiro” (Marx, 2017, p. 249). É importante ressaltar que o aumento da riqueza e valorização do capital ocorrem em detrimento da força de trabalho e precarização das suas condições de existência. Tais fatores além do sofrimento e exploração, ocasionam adoecimento e alienação. O que demonstra a verdadeira face do capital e sua intencionalidade com a classe trabalhadora.

Embora tenha-se consciência de que “[...] *não é o trabalhador quem emprega os meios de trabalho, mas estes o trabalhador [...] a condição de existência do assalariado, que consiste na venda da própria força com vistas ao aumento da riqueza alheia ou à autovalorização do capital*” (Marx, 2017, p. 720, grifos nossos).

As breves considerações contribuíram para adensar as discussões sobre o processo de trabalho, suas condições de exploração e sofrimento no contexto da sociedade capitalista. Estas questões ultrapassam a mera leitura da realidade, e contribuem para compreensão das implicações e movimentos necessários para a transformação da realidade, via processos de resistência e mobilização coletiva no cotidiano. Porquanto, “se deixarmos o capitalismo responder à crise, sua proposta é clara: obrigar a força de trabalho a ir à labuta e assim conhecer os subterrâneos do inferno de Dante” (Antunes, 2020, p.21).

AGRADECIMENTOS

Ao órgão de fomento, pois, a pesquisa de mestrado que originou este trabalho contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradecimento a Professora Dra. Jane da Cruz Prates, docente responsável pela disciplina de Introdução a Teoria Marxiana e o

Método em Marx, ministrada no Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUCRS.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: O trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BLACKBURN, Robin. **Estado, democracia e alternative socialista na era neoliberal**. Diálogo coordenado por Pablo Gentili, Luis Fernandes e Emilio Taddei. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (orgs.). *Pós-neoliberalismo II: que estado para que democracia?* Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CASARA, Rubens. **Contra a Miséria Neoliberal: racionalidade, normatividade e imaginário**. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2021.

Conselho Federal de Farmácia. **Venda de medicamentos psiquiátricos cresce na pandemia**. [s.l.], 10 setembro 2020. Disponível em: <http://covid19.cff.org.br/venda-de-medicamentos-psiquiaticos-cresce-na-pandemia/>. Acesso em: 02 novembro 2021.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal**. 1 ed. São Paulo, Boitempo, 2016.
DELGADO, Pedro Gabriel. [entrevista concedida]. **Observatório de Análise Política em Saúde**. Salvador: 2019. Disponível em: <https://www.analisepoliticaemsaude.org/oaps/boletim/edicao/23/>. Acesso em: 25 setembro 2021.

GRACIOLI, Júlia. **Brasil vive surtos de depressão e ansiedade**. Jornal da USP, 23 agosto 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-vive-surto-de-depressao-e-ansiedade/>. Acesso em: 02 novembro 2021.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As ideias estéticas de Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

MARX, Karl; Engels, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política – O processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, Livro primeiro, Volume I, Tomo 1, 1983.

ROSDOLSKY, R. **Gênese e estrutura de o Capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro: Eduerj/Contraponto, 2001.

STANLEY, Jason. **Como Funciona o Fascismo: a política do 'nós' e 'eles'**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018.

Harvey, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo** / David Harvey; tradução de João Alexandre Peschanski. - São Paulo, SP: Boitempo, 2011.

Harvey, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008

PEYON, Eduardo Rodrigues. **Sobre o trabalhar contemporâneo: diálogos entre a psicanálise e a psicodinâmica do trabalho** / Eduardo Rodrigues Peyon. -- São Paulo: Blucher, 2018.

Bárbara Domingues Nunes

Bárbara Domingues Nunes-Assistente social. Mestre em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social-PUC-RS. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política-PUC-RS e no Programa de Política Social e Direitos Humanos-UCPEL-RS. Professora substituta no curso de graduação em serviço social na Universidade Federal de Santa Maria-UFSM.

Maria Isabel Barros Bellini

Assistente Social. Doutora em Serviço Social. Professora no Programa de Pós-graduação em Serviço Social e no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Assistente Social na Escola de Saúde Pública da Secretaria de Estado de Saúde do Rio Grande do Sul.